



JOSÉ ALMERINDO COSTA
**Restauração
enfrenta
novo
ponto
de viragem**

página 3



ATELIÊ EM SANTA CRUZ
**Graciosa tem
onde
comprar
tecidos
e costurar**

página 6



GRATER – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 31 . agosto/2020 • grater@grater.pt • www.grater.pt • www.facebook.com/grater.pt • distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



PRORURAL+

Governo dos Açores



PECUÁRIA BIOLÓGICA É UMA MAIS-VALIA PARA AS ILHAS

páginas 6 e 7

Lázaro Simbine, médico veterinário,
defende benefícios da produção
animal em modo biológico



RODRIGO RODRIGUES
Vice-presidente do Conselho
de Administração da GRATER

EDITORIAL

Um ano atípico que exige resiliência

Este é um ano especial para a GRATER, pois fazemos a bonita idade de 25 anos. Desde logo, os meus parabéns a todos aqueles, que de uma forma ou de outra, estiveram ligados a este enorme sucesso, que tem sido a atuação deste GAL no desenvolvimento local da Terceira e Graciosa.

Infelizmente este é um ano atípico, pelas razões por todos conhecidas, e apenas por isso não será um ano em cheio para a GRATER. Mas também por essa razão, temos de ser ainda mais resilientes na busca permanente pelo atingir dos nossos objetivos, mais eficientes em fazer chegar à pequena economia todos os recursos disponíveis, dos diferentes programas de investimento em vigor.

Numa altura difícil, em que a nossa economia sofrerá uma crise profunda, é extremamente importante que todos colaborem nesta batalha, Governo regional, câmaras municipais, juntas de freguesia, IPSS, empresários e todas as entidades em geral, que possam ajudar na desburocratização de processos, por forma a que a economia recupere o mais rapidamente possível.

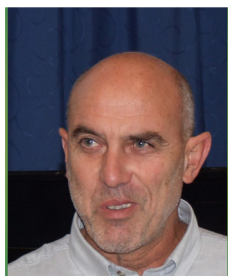
É fundamental uma boa execução dos fundos europeus disponíveis, e essa é uma tarefa de todos. Da nossa parte poderão contar sempre com total disponibilidade para o conseguirmos com máxima eficácia, por forma a que não se percam oportunidades de investimento nos nossos territórios, Terceira e Graciosa, num ano que é já o último, em termos de aprovação de candidaturas, neste quadro comunitário.

Deixo uma palavra de esperança a todos os nossos colaboradores parceiros e associados, no sentido de enfrentarmos uma grande luta, já neste segundo semestre, com a resiliência, capacidade de luta e eficiência que nos caracteriza sempre, como ilhéus que somos, e habituados que estamos aos grandes desafios.

OPINIÃO

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Um desafio para a agricultura açoriana



EDUARDO BRITO DE AZEVEDO
Professor da Universidade dos Açores

A agricultura (sensu lato), sendo uma das maiores expressões da capacidade de adaptação da humanidade à superfície do globo, é uma das atividades que mais contribui para a pressão sobre os ecossistemas e perda de biodiversidade. Por outro lado, é através da agricultura – algumas formas de agricultura, nem todas! – que a humanidade mais se relaciona com a natureza e mais se identifica com ela. Em circunstâncias conhecidas, a agricultura foi – ainda é – responsável por alterações significativas de regimes hídricos e profundas mudanças climáticas em vastas zonas do globo, levando inclusive à extinção de civilizações. Pese embora esta realidade, foi também através da agricultura que a humanidade conseguiu superar períodos críticos da sua história, ultrapassando fomes, recuperando de guerras

e melhorando as condições de vida de milhões de seres humanos. Tudo depende da forma como as sociedades enfrentam a sua relação com o planeta em que habitam, bem como os desafios que a natureza inexoravelmente lhes impõe. Hoje em dia, as alterações climáticas são um fator indiscutível de mudança com o qual as populações e os decisores têm de lidar de forma esclarecida.

A esta realidade não fogem as ilhas dos Açores, embora longe de enfrentarem problemas já observados em outros ambientes insulares. Nos Açores, o sucesso face aos novos desafios só será verdadeiramente conseguido através de um conhecimento detalhado do ambiente biofísico das ilhas, mas também a partir da interpretação das relações culturais entre o homem insular e o meio em que habita. Com uma visão cosmopolita baseada no conhecimento universal, mas interpretado à luz da nossa realidade e não à medida de estereótipos importados ou à escala de outras sensibilidades. Só assim, de forma esclarecida, com base no conhecimento dos nossos condicionamentos, mas também das nossas excecionais potencialidades, será possível enfrentar com êxito as mudanças que se adivinham, mantendo a nossa tradicional relação com o território, com o mar e com os elementos do clima, fatores indissociáveis da nossa personalidade.

ESPAÇO ASSOCIADO

JOSÉ ALMERINDO COSTA, PROPRIETÁRIO D'O PESCADOR

"A restauração tem de estar sempre a reinventar-se"

José Almerindo Costa é empresário e dedica-se, em exclusivo, à restauração. Desde 1999 já viu o setor dar muitas voltas. A pandemia da COVID-19 está a obrigar a mais algumas mudanças.

Empresário desde sempre, José Almerindo Costa sabe que poucas coisas são lineares e simples quando se lidera um negócio. Há surpresas no caminho, percalços, e é preciso saber dar-lhes a volta e continuar. Na restauração, área a que se dedica a 100%, essa premissa é ampliada: é preciso estar sempre um passo à frente, a idealizar, a pôr em prática, a resolver. É assim desde 1999, ano em que adquiriu O Pescador, espaço mítico da Praia da Vitória. Nessa altura, o restaurante levava já 10 anos de história e José Almerindo Costa trazia consigo uma vontade antiga de trabalhar no setor. "Sempre gostei dessa área. O meu pai dedicava-se a fornecer casamentos, a minha mãe à doçaria e, assim, acabei por tomar gosto pela cozinha. Penso que se não fosse empresário seria chef – ou cozinheiro, palavra de que gosto mais", conta-nos. Para estar à frente duma cozinha, sabe, é preciso mão, um dom especial para temperar, tratar dos produtos para que eles brilhem à mesa. São essas as preocupações que assume nos seus espaços – O Pescador e o Make Me Nuts, presentes também na aerogare civil das Lajes.

Passado tanto tempo no mercado há, sobretudo, o cuidado para não desapontar os clientes – muitos deles fiéis às casas que lidera. O Pescador, por exemplo, mantém grande parte dos sabores que apresentava em 1989, ano em que abriu portas pela mão de um casal de Sesimbra. Há 20 anos, o restaurante veio revolucionar o setor, não só na Terceira, mas em toda a Região. "O senhor António Ruivo, mestre de



barcos, e a dona Gabriela construíram este restaurante de raiz e acabaram por marcar a restauração nos Açores. Começaram aqui a apresentar pratos diferentes, que não se confeccionavam em nenhuma outra ilha: o arroz de marisco, as cataplanas, o peixe grelhado, os bifes com os seus molhos. Vinham pessoas de todo o arquipélago experimentar o que aqui era feito e são esses os pratos que mantemos ainda hoje, porque os nossos clientes exigem que assim seja", sustenta o proprietário.

Quando tomou as rédeas do negócio, José Almerindo Costa assumiu a manutenção de um serviço de alta qualidade, mas sempre com os olhos postos na evolução que sabia necessária. Na altura, a clientela era sobretudo norte-americana, descia da Base das Lajes à Rua Constantino José Cardoso para comer peixe fresco, marisco e boa carne. Mas o empresário tinha a certeza de que viria a deparar-se com uma revolução no mercado. "Às vezes as pessoas não gostavam de atender os clientes portugueses, os clientes locais, e eu sempre

alertei para isso, sempre disse que um dia os americanos podiam ir-se embora. E foram. O Pescador trabalha agora, essencialmente, com os clientes da terra, com os turistas e com os emigrantes", explica.

Hoje, a restauração da ilha Terceira vive mais um momento desafiante. A pandemia de COVID-19 veio trocar as voltas aos empresários, num ano que se adivinhava excepcionalmente bom, por conta do turismo. Agora é preciso repensar o setor e encontrar respostas. "A recuperação está a ser bastante lenta. No Make Me Nuts estamos quase nos níveis normais de afluência, mas n'O Pescador sentimos que há alguma retração. As pessoas ainda estão com medo e a verdade é que ir a um restaurante nestas condições não permite a mesma experiência: é preciso estar de máscara, os clientes não nos veem o sorriso, a interação é diferente. Há quem só agora comece a sair. Acreditamos que o inverno vai ser melhor do que o verão", avança José Almerindo Costa.

Para contrariar as quebras impostas pela COVID-19, o restaurante apostou essencialmente no take-away e num novo projeto, que se chama Tasquinha d'O Pescador, com refeições mais rápidas e mais económicas. Uma ideia que está a ter frutos.

José Almerindo Costa, que é associado da GRATER desde que a associação começou a dar os primeiros passos, reconhece que às vezes é preciso um impulso para abrir ou modernizar um negócio, nomeadamente quando os tempos são desafiantes. E é esse o mérito que reconhece à Associação de Desenvolvimento Regional. "A GRATER faz um trabalho muito interessante nas ilhas que a compõem. Tem iniciativas muito importantes para as pessoas que querem começar ou renovar um negócio", afirma.

Com mais ou menos apoio, o tempo é de superação. José Almerindo Costa já começou a caminhada.



ENTREVISTA

Defende **LÁZARO JOSÉ SIMBINE**,
médico veterinário

Pecuária biológica é opção adequada ao mundo rural

Lázaro Simbine, médico veterinário da Direção de Serviços de Proteção Animal – Divisão da Qualidade e Recursos Genéticos, diz que a produção animal em modo biológico está a ganhar cada vez mais espaço no país. É, defende, uma mais-valia para as ilhas.



O que é a pecuária biológica?

A pecuária biológica é um ramo da agricultura biológica que procura criar os animais proporcionando condições de saúde e bem-estar semelhantes às que teria na vida livre. É uma abordagem holística em que o ideal é que a produção biológica vegetal seja o suporte da produção pecuária. Deste modo, a designação mais adequada seria “agropecuária biológica”. A consciência cada vez mais crescente em matéria de qualidade e segurança alimentar, bem-estar animal e preservação do ambiente, fazem com que a produção biológica, em geral, e a produção animal, em particular, ganhem cada vez mais seguidores.

A produção animal biológica procura garantir a saúde animal com base numa produção ética, tendo em conta o bem-estar animal, de modo a garantir o respeito pelas necessidades anatómicas, fisiológicas e comportamentais dos animais. Este “pré-requisito” da produção animal biológica deverá ser garantido pelo equilíbrio no triângulo da saúde natural: saúde do solo, saúde da planta e saúde do animal. Deste modo, a pecuária biológica é um modo de produção ecológico que, cumprindo os princípios do equilíbrio natural, garante a sustentabilidade.

A adesão ao modo de produção biológico, que é voluntária, assenta sobre um conjunto coerente de valores e filosofia de vida e não no mero cumprimento da legislação – ainda que o cumprimento da legislação geral e da legislação específica do modo de produção biológico seja importante para a uniformização de critérios e práticas, controlo e certificação ao longo de toda a cadeia alimentar.

Quais são, no fundo, os benefícios da produ-

ção animal de modo biológico?

Os benefícios da agropecuária biológica são tantos que só o limite da imaginação poderá esgotar. O modo de produção biológico deve garantir o desenvolvimento rural, proporcionando às populações condições de vida e de bem-estar e capacidade para determinar o seu futuro.

Um produtor biológico é, ao mesmo tempo, um investigador permanente, que procura, dentro da sua unidade de produção, soluções práticas – que consegue descortinar, por força da sua capacidade, conhecimento e até do uso de saberes empíricos acumulados ao longo dos tempos.

O modo de produção biológico tem em conta a saúde no seu todo universal e integrado, sendo o garante da sustentabilidade ambiental, económica e social.

Considerando a vertente sociocultural, o modo de produção biológico é uma mais-valia para as regiões tanto no continente como nas ilhas, já que não é apenas uma produção agropecuária, é uma pequena ou grande atividade industrial e comercial transformadora, é artesanato, é agroturismo e demais atividades, que contribuem para a promoção da atividade da região e do seu património cultural e socioeconómico.

Como é que este ramo da agricultura biológica é visto em Portugal? Tem o país condições para desenvolver a atividade?

Portugal é um país com condições edafoclimáticas favoráveis para a criação de novas explorações ou conversão para pecuária biológica das já existentes. Beneficiando das características naturais, dos sistemas tradicionais, das condições de produção extensiva, da boa

capacidade de aproveitamento de pastagens naturais, torna muito fácil a adaptação dos sistemas tradicionais de produção às exigências da produção animal biológica.

Como é que o consumidor se relaciona com este tipo de produção? Que importância pode ter o conceito de pecuária biológica para quem consome estes produtos?

O consumidor relaciona o bem-estar animal com a qualidade do produto final. Importam, por exemplo, as cinco liberdades dos animais: livres de medo e de stress; sem fome, nem sede – acesso livre a comida e água de qualidade; livres de desconforto – movimentos livres e descontraídos; sem dor e sem doenças, e garantia de tratamento adequado caso estejam doentes; liberdade para expressar o seu comportamento natural – como se estivessem em vida livre.

Na prática, como é que se desenvolve a pecuária biológica?

O manejo geral e específico é o fator determinante e decisivo na produção animal biológica. Por este facto, esta produção rege-se pelas normas e exigências legislativas gerais, referentes à produção animal ao nível nacional, comunitário e internacional, e ainda respeita os aspetos particulares referentes à legislação específica da agricultura biológica na produção animal. O bem-estar animal, o manejo geral, o manejo alimentar, o manejo reprodutivo, o manejo sanitário (higiene e sanidade animal) são os principais aspetos que diferenciam a exploração biológica da exploração convencional.

A escolha de animais de raças autóctones e/ou de raças que estejam adaptadas às condi-

ções edafoclimáticas locais – o que lhes confere rusticidade – facilita o manejo e torna a exploração mais rentável.

Referiu que um dos requisitos para a pecuária biológica é a existência de uma produção vegetal que a suporte. Como é que se faz a relação entre a alimentação dos animais e a pecuária biológica?

O manejo alimentar no modo de produção biológico tem como objetivo otimizar a produção e só a maximização da produção. A alimentação, neste modo de produção, destina-se a assegurar uma produção de qualidade e deve respeitar as características anatómicas e fisiológicas de cada espécie. É desejável que a exploração seja sustentável, isto é, que os alimentos sejam preferencialmente produzidos na própria exploração e segundo o modo de produção biológico. Casos especiais previstos na legislação poderão ser considerados mediante um enquadramento legislativo adequado.

As explorações deverão produzir a totalidade ou grande parte dos alimentos para os animais, para se tornarem o mais autossuficientes possível, diminuindo a necessidade de aquisição de fatores de alimentação fora da exploração. A formulação da ração deve ser de acordo com a espécie animal e propósito produtivo. Salvo situações de catástrofe ou de seca severa, a exploração deverá ter uma produção de pastagens e forragens que permita satisfazer as necessidades de nutritivas dos animais tornando as explorações auto autossuficientes.

Para uma otimização dos recursos e melhoria da produção é aconselhável que se defina um plano de alimentação, que inclua a rotação das pastagens – de preferência o Pastoreio Rotacional Voisin. Este plano deve ter sempre em conta os requisitos do regulamento do modo de produção biológico e ser de acordo com o plano de gestão sanitária da exploração, para que se possa tirar o melhor partido dos recursos disponíveis para a satisfação das necessidades nutritivas e proteção da saúde animal. A produção de alimentos e a sua utilização para os animais deve, por isso, ser parte integrante do plano de rotação de culturas (produção vegetal) da exploração.

E o que dizer do manejo sanitário na pecuária biológica?

O manejo sanitário na produção animal biológica deve assegurar a proteção sanitária respeitando o equilíbrio natural, daí que a gestão sanitária da exploração é a abordagem mais indicada. Deste modo, deve-se recorrer aos métodos naturais de prevenção e controlo de enfermidades respeitando o princípio de precaução. Este facto obriga à convergência de conhecimentos das diferentes áreas do saber, congregando todos os esforços dos intervenientes no processo produtivo do modo produção biológico vegetal e animal. A perspicácia é fundamental para que, agindo por antecipação, se possa garantir o equilíbrio dos animais e evitar complicações de saúde. Porém, quando estes problemas surgem e quando é necessário intervir com medicamentos, a escolha deverá ser precedida de uma ava-



liação diagnóstica que permitirá a utilização de procedimentos e produtos mais adequados para a resolução do problema em causa, sejam eles naturais, alternativos e/ou convencionais.

Há, de resto, cuidados específicos a ter nas instalações destinadas à criação destes animais, no sentido, precisamente, de evitar a doença?

A conceção e manutenção das instalações para garantir o bem-estar animal e o manejo adequado é um requisito fundamental para evitar problemas de saúde. Estas devem facilitar de higienização e as adequadas temperatura, humidade relativa, ventilação (circulação de ar) e tratamento dos excrementos.

A maioria dos problemas sanitários que surgem nas explorações pecuárias pode ser evitada mediante um manejo adequado.

O encabeçamento e densidade animal no interior das instalações diminui, por sua vez, o aparecimento de problemas sanitários na exploração.

A doença e a necessidade de administrar medicação aos animais podem ser uma das principais ameaças à pecuária biológica. Como lidar com este problema?

Mesmo que se adotem várias medidas de pre-

venção podem surgir complicações na saúde dos animais. Por isso, é importante adotar medidas de acompanhamento, para uma intervenção urgente, em caso de surgimento de problemas de saúde evitando o seu agravamento que possa comprometer a vida dos animais.

É imprescindível fazer um diagnóstico para tratar de forma rápida e evitar a propagação do problema. Neste caso é imprescindível a quarentena dos animais que entram na exploração e o isolamento dos animais que apresentam problemas para o seu acompanhamento e tratamento adequado e, para a proteção dos saudáveis. Simultaneamente deve ser prestada atenção especial às causas predisponentes do surgimento do problema de saúde (inerentes ambiente, ao agente e sua propagação, ao pessoal interveniente, ao próprio animal, às práticas nas explorações vizinhas, etc.).

Deve basear-se em produtos fitoterápicos, homeopatia, aromaterapia, oligoelementos ou substâncias que constem no regulamento do modo de produção biológico.

Se o tratamento, usando os produtos anteriormente descritos, não for eficaz, e se o médico veterinário da exploração considerar conveniente, poderá ser autorizado, o uso de medicamentos alopáticos como sejam antibióticos, corticóides ou outros, de medicamentos alopáticos de síntese química. A utilização deste tipo de medicamentos é em defesa da saúde de bem-estar animal e é da exclusiva responsabilidade do médico veterinário que faz uma avaliação técnica, científica e ética, de acordo com as circunstâncias. Os animais tratados desta forma são acompanhados e controlados, de acordo com as regras gerais do uso de medicamentos (exigências específicas para cada tipo de intervenção) e ainda as exigências do modo de produção biológico na produção, controlo e certificação.

É proibido qualquer tratamento preventivo com medicamentos de síntese química. As exceções a esta regra estão previstas e autorizadas pelo regulamento do modo de produção biológico.



PROJETOS EXEMPLARES

ATELIÊ DE COSTURA E RETROSARIA.

SANTA CRUZ DA GRACIOSA

A arte de bem costurar

Quando, em 2017, a loja onde trabalhava fechou portas, Carla Lobão pôs mãos à obra para criar o seu próprio emprego. Com experiência no atendimento ao público e na costura, decidiu aliar os seus conhecimentos e capacidades e avançar com um ateliê de costura e retrosaria, na Rua da Misericórdia, em Santa Cruz da Graciosa.

O espaço está aberto há dois anos e responde às necessidades da população graciosense, que não tinha ali nenhum serviço que abarcasse todas essas características. Já a proprietária, conseguiu dar asas aos sonhos de criança: “Eu queria ser cabeleireira ou costureira – e aqui estou. Comecei a ajudar a minha mãe, fiz formações – nomeadamente em confeção de artigos de renda e em qualidade no atendimento ao público – e agora dedico-me, essencialmente,

ao acabamento de vestuário, mas também à confeção por medida, de roupas e de cortinas. Também faço artesanato”, explica.

Para conseguir dar forma à sua ideia, Carla Lobão recorreu à GRATER. Precisava de adquirir os equipamentos básicos para desenvolver a sua atividade: uma máquina de tricotar, uma noveladora, uma dobadeira, uma máquina de costurar e de bordar, uma máquina que corta e cose, um ferro e uma tábua de passar, um manequim, um tapete, régua, tesouras, mobiliário de escritório, ar condicionado e equipamento informático. O projeto tinha um investimento proposto de 10.962,53 euros, dos quais 8.983,12 euros foram considerados elegíveis. A taxa de participação foi de 50% uma vez que não houve lugar à criação líquida



dos postos de trabalho, sendo que o montante de apoio de despesa pública foi de 4.491,58 euros. “Foi sem dúvida uma mais-valia”, sublinha a beneficiária.

Agora, depois de algum tempo de paragem forçada, por conta da pandemia, o ateliê de Carla Lobão tem-se dedicado, também, à confeção de máscaras. Não tem mãos a medir e é por isso que acredita que as costureiras vão ter, sempre, o seu espaço no mercado.



CASA DO POVO DA FETEIRA

Um centro de dia e um ATL para todos



Fazia falta, na Feteira, um espaço que pudesse albergar, em instalações condignas, os idosos que usufruem de apoio durante o dia. Ao mesmo tempo, era preciso encontrar uma resposta para as crianças que não tinham para onde ir depois da escola. A Casa do Povo da Feteira juntou os dois projetos e decidiu criar um Centro Intergeracional, onde todos, mais velhos e mais novos, podem passar os dias em convívio, com a certeza de que o tempo corre mais rápido quando se está a aprender.

O projeto de construção foi uma parceria da Direção Regional da Solidariedade Social com a Câ-

mara Municipal de Angra do Heroísmo. Agora, para que funcione, vai ser preciso estreitar relações com a Junta de Freguesia da Feteira – que, aliás, deu um grande impulso ao projeto, como explica o atual presidente da Casa do Povo, Carlos Manuel Silva. “Nós temos um protocolo de funcionamento com a autarquia local, até porque, sozinha, a Casa do Povo não tinha condições para avançar. A Junta de Freguesia fez grande parte do trabalho e agora é importante manter essas colaborações”, sublinha.

O investimento para o Centro Intergeracional da Feteira – que permitiu criar um Centro de Dia

e um Ateliê de Tempos Livres, cujas inscrições, para 15 crianças, já estão abertas – previa a aquisição de uma carrinha, devidamente adaptada para o transporte de pessoas de mobilidade reduzida; a aquisição de mesas e cadeiras; a aquisição de equipamento didático e desportivo; a aquisição de equipamento de base para gestão do espaço e das suas atividades (administrativo e técnico); e a criação de uma imagem identificativa. Foi proposto um montante de investimento de 60.386,94 euros (59.886,94 foram considerados elegíveis), sendo que a taxa de participação foi de 100% pelo PRORURAL +, através da GRATER. “Estas ajudas são primordiais. Sem este apoio, e com os orçamentos que temos – que mal dão para acionar os projetos –, não conseguiríamos fazer nada”, refere Carlos Manuel Silva.

O que se pretende é que o espaço valorize cada um dos indivíduos

que dele usufruem e que contribua, ao mesmo tempo, para melhorar a qualidade dos serviços sociais disponíveis. É por isso que a Casa do Povo quer continuar a explorar as potencialidades do local, nomeadamente criando ali, no futuro, um espaço para aprendizagem de Tecnologias de Informação e Comunicação.



NOTÍCIAS

Estratégia de Desenvolvimento Local da GRATER ganhou impulso em 2019

O ano de 2019 foi de “alavancagem da Estratégia de Desenvolvimento Local” da GRATER. A conclusão é do relatório de execução da Associação de Desenvolvimento Regional.

De acordo com o documento, que passa em revista todo o trabalho e as ações realizadas pela GRATER, persistem ainda algumas dificuldades no acesso ao crédito por parte de empresas e de promotores, e também há aspetos a clarificar que estão relacionados com os procedimentos de contratação pública. Ainda assim, o ano de 2019 foi considerado fundamental na execução da Estratégia de Desenvolvimento Local da associação, tendo sido alcançada, no final do ano, uma taxa de execução de 52% e de compromisso de 89%.

“Os pedidos de apoio que atualmente se encontram com decisão de aprovação, levam-nos a prever que iremos cumprir com as metas estipuladas no âmbito da visão estratégica da Estratégia de Desenvolvimento Local da GRATER – criação de riqueza e criação de emprego”, pode ler-se no relatório.

De facto, a análise à medida 19 - Apoio ao Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) LEADER permite concluir que as taxas de compromisso, realização e execução estão dentro do previsto: a submedida 19.1 – “Apoio preparatório” está concluída, com uma taxa de execução de 100%; e a submedida 19.2 – “Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais do PRORURAL+”, cuja execução depende dos beneficiários, apresentou, em 2019, uma alavancagem relativamente



FOTOGRAFIA WIKIPEDIA

ao ano anterior, sendo que não apresenta, neste momento, qualquer constrangimento para que se atinja o pleno em termos de aprovação e execução.

A cooperação, submedida 19.3, por seu turno, está mais atrasada, prevendo-se um incremento já neste ano de 2020.

Finalmente, a submedida 19.4 – “Apoio aos custos operacionais de animação” é uma medida que vai sendo executada gradualmente, de acordo com o funcionamento normal do Grupo de Ação Local (GAL), não se prevendo, também, problemas na sua execução. Em 2019, a GRATER manteve as ações de divulgação e animação, de acordo com o previsto na estratégia para o desenvolvimento do seu território de intervenção. O objetivo foi informar a população das ilhas Terceira e Graciosa sobre as temáticas relacionadas com a Política Agrícola Comum, com o desenvolvimento rural, assim como a promoção das atividades desenvolvidas no âmbito do PRORURAL+. Para além da publicação desta revista, das comunicações no site e nas redes sociais, a Associação de Desen-

volvimento Regional continuou a apostar na participação em feiras e eventos, como a Feira da Família, a AGROTER, a VI edição da Biofeira e a V edição da “Angra com futuro”.

A associação esteve representada, de resto, em reuniões, workshops, seminários e conferências, como o II Encontro de Desenvolvimento de Base Comunitária, que aconteceu na Madeira, entre 21 e 22 de maio; a Assinatura do pacto de Desenvolvimento Local, que decorreu a 12 de junho, em Campo Maior; e no Comité de Acompanhamento do PRORURAL+, a 17 de junho de 2019.

“Como referido anteriormente, o ano de 2019 foi um período de intenso trabalho para a GRATER, em que o GAL, além do acompanhamento aos beneficiários, esteve representado no máximo de fóruns possíveis, em virtude de se aproximar um novo período de programação e existir a necessidade de estarmos informados de forma a ser possível definir corretamente as prioridades para o território de intervenção, de acordo com as orientações emanadas até à presente data pela Comissão Europeia e com as necessidades identificadas no território. Em conclusão, sendo o DLBC uma abordagem ‘bottom-up’, é fundamental todo o trabalho de proximidade que se desenvolveu em 2019, e que se desenvolverá no futuro junto dos promotores e parceiros da GRATER, para que se concretize o objetivo traçado pelo GAL de um desenvolvimento integrado e sustentável do território de intervenção, nomeadamente através da criação de emprego, de serviços, de apoio às empresas e de preservação do património.”, conclui o relatório.

Associação de Desenvolvimento Regional celebrou 25 anos de existência

A GRATER celebrou, no passado dia 21 de julho, o seu 25º aniversário. A data foi assinalada com uma edição especial da revista Olhar o Mundo Rural, que concentrou informação sobre os quatro programas comunitários que enformaram as estratégias da Associação de Desenvolvimento Regional: o LEADER II, o LEADER +, o PRORURAL e o PRORURAL +. A revista contou ainda com uma revisita a alguns dos projetos apoiados no âmbito desses programas, com uma entrevista ao Secretário Regional da Agricultura, João Ponte, e com testemunhos dos atuais e antigos responsáveis pela missão do Grupo de Ação Local.

A GRATER, recorde-se, foi constituída a 21 de julho de 1995 com o objetivo de pôr em prática, na Terceira e na Graciosa, o LEADER II – o primeiro LEADER a chegar aos Açores. Pretendia-se, assim, munir os territórios rurais de ferramentas que lhes trouxessem maior desenvolvimento e, dois anos depois, a 30 de setembro de 1997, a Associação de Desenvolvimento Regional conseguiu o Estatuto de Utilidade Pública, pondo em marcha, nesse ano, o Plano de Ação Local daquele programa comunitário.

“Durante os 25 anos, a GRATER definiu como objetivos a concretizar no seu território de intervenção o aumento dos níveis de empregabilidade e de investimento nas zonas rurais e costeiras, a melhoria da atratividade do território para o turismo, a criação dos serviços básicos para as populações e a conservação e valorização do património, tendo sido apoiados mais de 560 projetos com um investimento de aproximadamente 23 milhões de euros, criando mais de 100 empresas e mais de 200 postos de trabalho”, assinalou a presidente do conselho de administração da associação, Fátima Amorim, no editorial publicado na edição passada desta revista.

Atualmente, a GRATER trabalha com três fundos: o FEADER – Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento, o FEAMP – Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas e o FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Federação Minha Terra reúne-se em assembleia geral

Teve lugar no passado dia 30 de junho, no Convento do Carmo, em Torres Novas, a reunião da assembleia geral da Federação Minha Terra, que estava inicialmente marcada para 19 de março, tendo sido adiada devido às medidas excecionais de

combate à pandemia da COVID-19.

A reunião, que foi realizada de acordo com as normas de segurança impostas pelas autoridades de saúde, teve como propósito a apresentação, discussão e aprovação do Plano de Ativi-

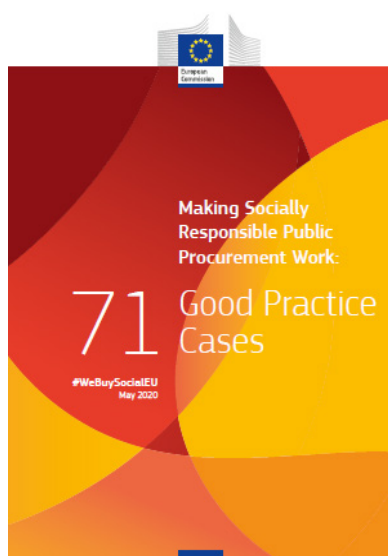
dades e Orçamento para 2020 e do Relatório de Atividades e Contas de 2019, assim como a partilha de informação sobre as atividades recentes da Federação Minha Terra e a discussão de outros assuntos de interesse para as associadas.

NOTÍCIAS

Comissão Europeia alerta sobre contratação pública socialmente responsável

A Comissão Europeia acaba de publicar um relatório, elaborado pela AEIDL – Associação Europeia para a Informação sobre o Desenvolvimento Local e o ICLEI – Governos Locais pela Sustentabilidade, que reúne 71 exemplos de boas práticas de contratação pública socialmente responsável. A publicação inclui estudos de caso de 27 países, abrangendo a aquisição de uma grande diversidade de produtos e serviços.

A publicação pretende mostrar que a contratação pública socialmente responsável é possível numa vasta gama de setores e que a aquisição “sábia” de produtos e serviços por entidades públicas pode ter um conjunto importante de benefícios, incluindo a criação de oportunidades de emprego, a promoção do trabalho com direitos, a promoção da inclusão social, da acessibilidade e da adequação dos serviços e dos produtos a todos, e a promoção do comércio justo. Para além disso, a Comissão Europeia defende que a contratação pública responsável pode auxiliar no fornecimen-



to de serviços sociais, de saúde, educação e cultura de qualidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações. A seleção e a análise dos exemplos de boas práticas foram realizadas entre setembro de 2019 e março de 2020, tendo sido compilados casos de estudo de 22 Estados-membros da União Europeia e de cinco países terceiros. Pretende-se que estes exemplos sirvam de inspiração e que as metodologias adotadas possam ser replicadas.

AGENDA

- A GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional comunica a todos os interessados que já foi publicado o aviso n.º 58/2020 para receção de projetos de investimento à Medida 19 - Apoio ao Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) LEADER, Submedida 19.2 - Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais, Intervenção 7.5 – Investimento em infraestruturas de lazer e turísticas e informações turísticas, do Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma dos Açores 2014-2020 (PRORURAL). O aviso, que termina no dia 28 de agosto, está publicado no portal do PRORURAL+, em <http://proruralmais.azores.gov.pt>, e em <http://www.grater.pt>.

- Termina no final deste mês aviso no 43/2020, para a receção de projetos de investimento à Medida 19 – Apoio ao Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) LEADER, Submedida 19.2 – Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento promovido pelas comunidades locais, Intervenção 6.4 – Investimento na criação e no desenvolvimento de atividades não agrícolas, do Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma dos Açores 2004-2020 (PRORURAL+).

CURIOSIDADES

do mundo rural

Pragas na agricultura biológica? O melhor é prevenir

Um dos inimigos da agricultura biológica são os insetos indesejados – aqueles que não são benéficos, nem aliados das hortas caseiras – que se apropriam das plantas e fazem delas casa e alimento. Afastada que está a utilização de inseticidas sintéticos, é necessário, muitas vezes, optar por alternativas naturais para pôr fim às pragas e às doenças. Mas antes de chegar aí, o melhor mesmo é prevenir e há dicas e truques que podem ajudar nessa tarefa.

A primeira será escolher as variedades de vegetais mais resistentes a insetos e doenças – se possível, selecionar sementes de agricultura biológica ou biodinâmica. Depois, há que ser cúmplice dos outros insetos – aqueles que são predadores naturais das pragas (como as aranhas e as joaninhas) –, mas também de morcegos e pássaros. Ser parceiro é, por exemplo, dar-lhes abrigo. Vale, igualmente, cultivar ervas aromáticas e medicinais, que atraem os “bichos bons”. Além disso, algumas dessas ervas têm um efeito repelente para pragas.

Para afastar os insetos e as doenças há que melhorar a estrutura do solo, por exemplo, adicionando composto orgânico ou fazendo adubação verde. Um bom solo vai permitir o crescimento de plantas mais saudáveis.

Outra das dicas para ter plantas biológicas saudáveis passa pela experimentação: plantar num pequeno espaço para que se perceba, de antemão, se já existe uma praga instalada. Havendo, em qualquer caso, há que cortar as primeiras plantas infestadas e removê-las do local. Assim, interrompem-se os ciclos biológicos dos insetos. Quando são facilmente visíveis, pode-se e deve-se recolher manualmente as pragas. Há, ainda, que ter em conta as práticas de consociações favoráveis de culturas, o que ajuda a beneficiar de uma gestão mais eficaz do espaço e dos nutrientes do solo.

Recomenda-se, de resto, evitar as monoculturas em canteiros ou parcelas com área superior a 1m2. Assim, promove-se maior biodiversidade, já que se pode cultivar, por exemplo, algumas plantas com flores, como calêndulas, camomila, capuchinhas, entre outras.

Promover a rotação de culturas e, acima de tudo, não cultivar os mesmos tipos de vegetais no mesmo local todos os anos, é a última das dicas para evitar pragas e doenças na horta biológica. Pode fazer-se uma rotação de três anos em três canteiros ou uma rotação de quatro anos em quatro parcelas.

